



## “O fim quer me buscar”: da estranheza ao diferente à violência direcionada ao corpo castrado do outro

Luccas Trindade Barreto de Jesus <sup>1</sup>  
Paulo Eduardo Viana Vidal <sup>2</sup>

### RESUMO

Existe algo de normativo no funcionamento cultural que é transmitido através dos tempos e que ganha encarnação na agressividade endereçada a corpos e sexualidades *desviantes*. Se Freud, em *Totem e Tabu* (1913) recorre ao mito da horda primeva para situar que se herda do pai gozador alguma lei que organiza a partir a violência, é possível pensar que há um tanto de masculino nessa transmissão. Esse masculino, enquanto uma representação subjetiva se orienta por uma submissão ao falo numa tentativa de obturar o que há de mais singular no sujeito: sua divisão. A diversidade que habita a sigla LGBT+ contesta a lógica fálica e lança esses sujeitos aos caminhos da margem, do resto, da aniquilação. Para ilustrar essa morte que é física, mas também subjetiva, entra em cena a canção *Balada de Gisberta*, baseada na carne viva de fatos reais da história de uma transexual brasileira assassinada em Portugal.

**Palavras-chave:** Masculino, Feminino, LGBT+, castração, Gisberta.

### INTRODUÇÃO

Fazer parte de uma minoria social é carregar consigo a marca da exclusão. Diante da renúncia pulsional imposta pela castração, o sintoma. Com ele algo que lança o sujeito na trilha de sua sexualidade, assim como da sua posição de gozo. O mal estar na cultura e também na vida psíquica surge como uma resposta ao impossível superegoico, mas também à desobediência das leis civilizatórias forjadas em material binário e normativo, além da ameaça de violência desferida ao corpo de quem não se enquadra.

A jornada mítica de Freud em *Totem e Tabu* (1913) investiga sobre o que de masculino é transmitido através das gerações e que ainda hoje se presentifica nos contornos psíquicos e sociais da cultura. Isso que marca o sujeito com a operação da castração e oferece saídas que orbitam o assujeitamento a uma lei paterna que organiza à partir da violência que está do lado *todo* fálico, funciona por oposição: ou se é uma coisa, ou outra. E em sendo outra o alerta de que a desobediência à norma pode acarretar a expulsão ou o aniquilamento por parte dos outros membros que não suportam qualquer outro tipo de arranjo que se defina pela diferença.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF, [luccas.trindade@hotmail.com](mailto:luccas.trindade@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - UFF, [paulovidal@id.uff.br](mailto:paulovidal@id.uff.br).



Algo de masculino - sendo esse masculino aquilo que Lacan entende como posição subjetiva nas fórmulas da sexuação – é transmitido violentamente através da cultura e a marca que a castração deixa sobre o sujeito tenta encontrar na agressividade um caminho de prazer e poder. Essa agressividade física e simbólica tem um destino no qual a desumanização produz inimigos e serve como premissa para o extermínio. Dos muitos grupos lidos enquanto *minorias sociais*, o artigo presente tangencia o recorte LGBTQ+, privilegiando a sigla T e toma de empréstimo a história de Gisberta, travesti brasileira assassinada em Portugal, numa tentativa de ilustrar que o horror à castração é também um horror ao feminino.

## METODOLOGIA

Esse artigo se dedica a uma investigação baseada na pesquisa bibliográfica que percorre diversos pontos do ensino de Freud e Lacan, privilegiando os processos de constituição psíquica do sujeito, a violência que decorre do inevitável encontro dele com a cultura, assim como os processos de enredamento social em vias de encontrar um lugar para subjetividades desviantes. Utiliza ainda como referência a canção *Balada de Gisberta* interpretada por Maria Bethânia e baseada na história real de uma travesti brasileira assassinada em Portugal para ilustrar como a violência à diferença é efeito do feminino recalçado compulsoriamente na cultura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Trouxe pouco,  
levo menos.  
A distância até o fundo é tão pequena.  
no fundo é tão pequena  
a queda.  
E o amor é tão longe.  
Maria Bethânia – Balada de Gisberta*

## O que se herda da horda

*Totem e Tabu* (1913), origem mítica e herança mais primitiva daquilo que marca e funda a civilização, conta a história de uma interdição que é operada por um pai que não é qualquer pai, mas sim o “grande pai gozador”. Essa proibição funda certa organização, que por sua vez é garantida através de uma ameaça de castigo. O mito indica a importante função do pai primevo, inerente à horda primitiva e por meio da cena do assassinato desse pai, remonta a constituição da civilização e o estabelecimento na sociedade do sentimento de culpa e das leis morais. Assim, a castração é veiculada através do registro do simbólico, ou seja, através da palavra.

Iniciar esse trabalho em vias de recontar esse mito tão clássico no ensino de Freud é também uma tentativa de escavar, nos confins do que há de mais primitivo nos processos do sujeito, pistas que se alinhem com a ideia de que os tabus que regem o sujeito em tempos atuais não são tão diferentes dos que imperavam na horda dos polinésios. A hipótese a ser perseguida aqui é se há, portanto, nessa transmissão, um tanto de masculino no que tange a postulação de Lacan nas fórmulas da sexuação em que o masculino aponta para um lado *todo* referido ao falo já que, segundo Freud, citando *Totem e Tabu* (1913) em *O Eu e o Isso* (1923) “em todas essas conquistas éticas o sexo masculino parece ter tomado a frente.” (FREUD, 1923, p. 47). Ainda hoje mandamentos insensatos que violentam cada um a sua forma e ainda hoje a reunião dos submetidos em vias de identificação em nome de destituir a lei que violenta. Mas desse circuito, o que escapa?

É preciso pontuar aqui que existe um funcionamento operante no desenlace cultural que exclui quem não obedece às normas do regime fálico. Isso precisa ser colocado com muita cautela, uma vez que, de certa forma, a formação de compromisso feito pelo sintoma já é por si só uma desobediência ao regime fálico e isso está para todos os neuróticos, mas, no entanto, existe um tanto dessa parcela que paga um preço muito caro por existir. Segregação, humilhação social e até mesmo encaminhamentos mortíferos são os destinos de sujeitos que se organizam nas siglas LGBT+, ou seja, *lésbicas*, *gays*, *bissexuais* e *transexuais* e as outras tantas identidades de gênero e orientações sexuais que estão por vir e são representadas pelo símbolo +.

Diante da infiltração desses mandamentos normativos, resta a quem desvia da norma um destino de ódio, agressividade e violência como marca da exclusão e da exceção de sujeitos que operam no singular e não cabem no universal da cultura. Em contrapartida à opressão surgem os agrupamentos sociais que reivindicam uma nova ótica e um lugar seguro para suas existências. Nesse sentido, o movimento LGBT+ é um conjunto de indivíduos que se organizam a partir de laços identificatórios que contemplam orientações sexuais e ou identidades de gênero com o objetivo de reivindicar pautas relacionadas à saúde, segurança e direitos humanos do recorte populacional representado por essa sigla.

As raízes desse movimento datam de 1969 quando na cidade de Nova York aconteceu a *rebelião de Stonewall* descrita por Marco Antônio Coutinho Jorge e Antônio Quinet como “o marco histórico do início do movimento de emancipação e liberação dos homossexuais e do combate à homofobia [...] quando os clientes desse bar de Nova York reagiram vigorosamente à batida policial de praxe [...] e inauguraram, com tal ato, o movimento *gay* que se alastraria por todo o mundo.” (QUINET; JORGE, 2013, p. 9). Hoje, 50 anos depois, os detalhes de tal acontecimento são revistos e cobra-se o registro da grande importância da participação de transexuais latinas e negras como Marsha P. Johnson e Sonya Rivera, figuras de liderança na luta contra a violência policial e a favor da sobrevivência de seus pares. Esse ato histórico de levante e construção de um movimento que faz impasse à estrutura normativa pode ser articulado à reunião dos filhos da horda que, juntos, destituíram o pai gozador do poder em vias de erigir outra modalidade de organização. Para fazer essa conexão é preciso voltar a Freud.

A construção freudiana acerca da origem do laço entre os homens encontra seu desenvolvimento no artigo *Totem e Tabu* (1913). A narrativa em questão se utiliza do mito como possibilidade de elaboração de um determinado saber, oferecendo subsídios que descrevem a inauguração da cultura. O mito é apresentado com a finalidade de assegurar às descobertas de Freud a condição de universalidade naquilo que acompanha a diversidade das culturas através do tempo histórico sem, contudo, colocar em risco o cerne da experiência clínica, isto é, a escuta do singular do sujeito.

O ato parricida que está no cerne dessa história, lança os irmãos no desafio de fundar

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br

[www.desfazendogenero.com.br](http://www.desfazendogenero.com.br)

uma nova organização que não repita a que já conheciam e institui o paradigma do laço social. Assim, a vida em sociedade teve que se reorganizar diante das novas respostas do sujeito às exigências do mundo e suas leis simbólicas. O pai morto fundou interdições entre os irmãos, o que levou Freud à observação de que “o morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo” (FREUD, 1913, p. 171). A lei deixa de ser a vontade desse pai antes onipotente e passa a resultar do acordo entre os irmãos, tornando-se uma lei simbólica, a qual todos estão submetidos.

O crime em comum organiza a sociedade e satisfaz a ambivalência amor e ódio dos filhos que se identificam ao despedaçar e assimilar juntos os restos do pai. Proibições pactuadas como tabus apontam certo modelo e funcionamento civilizatório, onde a culpa e o remorso permanecem, determinando assim os vínculos identificatórios e de laço social. A relação do pai com os filhos, tal como descrita por Freud, baseava-se na ambivalência dos afetos: o amor e o ódio. Sendo assim, a partir do amor pela nostalgia do pai e da culpa pelo seu assassinato, os filhos instituíram as leis que proíbem o parricídio e o incesto.

### **Empuxos, excessos e respingos do supereu**

Voltando o debate ao edifício totêmico e do que dele se herda, Lacan, ao comentar esse mito, afirma que “o que *Totem e Tabu* nos ensina é que o pai proíbe o desejo com eficácia porque está morto” (LACAN, 1960, p. 31). A partir desse comentário, observamos que há um ponto de contradição importante. O pai morto fortalece as leis insensatas de tempos em que ele ainda vivia. Esse apontamento faz ecoar que as leis, que antes eram instituídas e mantidas pelo pai, tornaram-se mais fortes depois de seu assassinato, quando surge nos filhos o sentimento de culpa, além de ir de encontro ao que Freud transmite em seu ensino ao dizer que as leis morais são baseadas em dois pilares: a culpa e a renúncia pulsional.

Há no encontro entre esses pontos algo que Freud já pensava ser as bases da instância que, nos anos seguintes, apresentaria sua segunda tópica: o supereu. Assim como Freud, Lacan dá indícios da relação entre o supereu e o pai primevo quando diz que “o que Freud liga a seu segundo mito, o de Totem e Tabu, isto é, nem mais nem menos do que a sua

segunda tópica. É isso que poderemos desenvolver posteriormente. Com efeito, observem, a grande inovação da segunda tópica é o supereu.” (LACAN, 1960, p. 166). A relação entre o mito do Édipo e a constituição do supereu é lida por Lacan da seguinte forma:

O mito do Édipo faz espalhafato porque, supostamente, instaura a primazia do pai, que seria uma espécie de reflexo patriarcal. Eu gostaria de fazê-los perceber por que, pelo menos para mim, ele de modo algum parece ser um reflexo patriarcal, longe disso. (LACAN, 1960, p. 162)

A submissão à castração está para todos os sujeitos neuróticos. O sujeito barrado é, então, dividido e subjugado à lei da norma fálica que produz certo gozo em nome da renúncia pulsional. Recalcados por serem desviados e não caberem no discurso universal do social, o movimento social, aqui ilustrado pelo movimento LGBTQ+, representa o retorno do recalcado na cultura, uma vez que se enlaçam em vias de movimento para legitimarem, entre *irmãos*, sua forma de gozo. Enquanto grupo há um gozo possível, mas para os desviados, mesmo enlaçados, algo continua desenquadrado.

Para a psicanálise, a repressão social (intersubjetiva) é o índice do recalque (intrassubjetivo) que acomete cada sujeito em sua estrutura própria, o que significa que a violência com que uma sociedade lida com a diversidade sexual repercute, no fundo, o grau de violência com que cada indivíduo lida com sua própria sexualidade. (JORGE; TRAVASSOS, 2018, P. 14)

Freud, em *O Eu e o Isso* (1923), apresenta o supereu como instância psíquica responsável pela moralidade no sujeito. Porém, mesmo nesse momento, ele anunciava que a origem do supereu está nas mesmas experiências que levaram ao totemismo: “O superego, segundo a nossa hipótese, originou-se, em realidade, das experiências que levaram ao totemismo.” (FREUD, 1923, p. 48). Freud insiste, mesmo que em entrelinhas, nessa ligação e faz retornar, assim como se opera na clínica, em um *só depois*, algo que antes já tinha sido dito em *Totem e Tabu* (1913):

Mas por que devemos voltar nosso interesse para o enigma do tabu? Acho que não apenas porque todo problema psicológico é digno de uma tentativa de solução, mas também por outros motivos. Suspeitamos que o tabu dos selvagens polinésios não se acha tão longe de nós como pensávamos inicialmente, que as proibições morais e tradicionais a que obedecemos poderiam ser essencialmente

aparentadas a esse tabu primitivo, e que o esclarecimento do tabu lançaria luz sobre a obscura origem de nosso próprio *imperativo categórico*. (FREUD, 1913, p. 48)

Desse modo, o supereu se origina do pai primevo, que pode ser lido como cruel, insensato e que goza livremente de todas as mulheres. Há também nele uma convocação ao gozo puro, uma não admissão à castração. Nessa versão do supereu, emerge uma marca do pai primevo, cujo imperativo é: goza! Esse imperativo de gozo está na ordem do que é impossível de satisfazer e é exatamente aí, nessa impossibilidade de satisfação “que se elabora o termo *consciência moral*” (LACAN, 1960, p. 166). É ainda importante pontuar: o supereu só existe porque a lei é falha.

A origem mítica dos contornos sociais pelos quais Freud se dedica a contar em *Totem e Tabu* (1913) parece apontar também para algo de ancestral que engendra o psiquismo, mas que é transmitido através das gerações pelo registro simbólico, essa rede de linguagem que preexiste e sucede o sujeito. No exercício de fundar uma lei universal que submetesse a horda, o grande pai se fez exceção por não ser castrado e deter o monopólio do gozo de todas as mulheres. Existe ao menos um em quem a função fálica não incide, mesmo sendo esse um mítico, morto, inacessível, mas presentificado na cultura do lado do que é masculino e *todo* fálico.

Por existir essa exceção, é possível fundar a regra, que diz que para todos aqueles submetidos à lógica masculina, incide a função fálica, ou seja, a castração, que faz com que, idealmente, os sujeitos sejam *todo* referidos ao falo. Essa lógica formaliza, portanto, a conjunção dos dois mitos criados por Freud, do *complexo de Édipo* ao *Totem e Tabu*. Isso que está do lado masculino e é transmitido através da cultura, traduz um regime de socialização tradicional que parte de uma exceção por onde se enuncia a lei e funda um conjunto universal a partir da interdição do gozo. O que se perpetua é uma marca histórica que organiza a partir da violência e coloca como regra esse lugar mítico de onipotência, que permite a instauração do falo como significante privilegiado.

A violência contra o outro é um dos afetos mais conhecidos da civilização porque se encontra nas bases de tudo. Há uma lógica na transmissão desse *todo* fálico masculino que

Lacan postula: legiferar sobre as modalidades singulares de gozo numa tentativa de fazê-las universais. O que diferencia o sujeito da natureza é justamente a imperfeição da linguagem, uma vez que não é a despeito dela que o sintoma de cada um é também uma impressão digital e por isso única. Se a psicanálise sustenta que a feitura de um corpo é arquitetada pelos traços recolhidos da linguagem, *ser homem* ou *ser mulher* não é uma questão de anatomia, mas de discurso. Os ecos de dizer incidem sobre o corpo, introduzindo o sujeito na lógica do desejo e da relação com a alteridade, e nessa construção a sexualidade se apresenta como um enigma.

Mas é justo na relação com a alteridade que a sexualidade enquanto um enigma não encontra um lugar para repousar. Freud, em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), sustenta que existem três principais fontes de sofrimento que acometem o sujeito, mas que dentre elas, uma é mais dolorosamente sentida do que qualquer outra e sua ameaça advém “das relações com outros seres humanos” (FREUD, 1930, p. 31). Nessas relações, algo que deveria permanecer oculto, escapa e lembra ao eu de que a imagem no espelho é uma ficção que pode ser experimentada como sentimento de estranheza já que o encontro com a diferença produz rupturas naquilo que se supunha total, mas que só consegue se apresentar em parcialidades.

A intolerância à alteridade surge como expressão do desejo de garantir a coesão do que se idealiza enquanto idêntico a si, onde tudo aquilo que emerge de mais singular no outro se apresenta como ameaça ao eu e, portanto, deve ser destruído. Essas manifestações de ódio são encontradas nas mais diversas modalidades de preconceitos que são a expressão da agressividade dos sujeitos frente às estranhezas, tão familiares, que causam angústia. O ódio ao outro é então um efeito da incapacidade de se haver com o real da castração. Desse modo, o que torna a figura do estranho-familiar como objeto a ser perseguido é a aparição da figura ambígua, híbrida, miscigenada.

Se o que se herda da horda é uma transmissão arcaica de um masculino *todo* referido ao falo que organiza através da violência, o que causa impasse a esse funcionamento e aponta outro horizonte são as sexualidades e identidades de gênero que tangenciam o feminino enquanto *não-todo* referido ao falo. Esses outros modos de ser e estar no mundo colocam em xeque alguma ordenação cultural historicamente estabelecida ao mesmo tempo em que lança esses sujeitos como alvos da agressividade de quem não pode suportar a indeterminação que a diferença traz.



## “E o amor é tão longe”: o horror ao feminino na história de Gisberta

Famosa na voz de Maria Bethânia desde *Amor Festa e Devoção* (2010), *Balada de Gisberta* é uma canção composta pelo português Pedro Abruñosa e também o registro musicado da história real de uma vida interrompida. Gisberta nasceu Gisberto - nome de herança paterna -, no Brasil, especificamente em São Paulo, e no início da vida adulta, depois da morte do pai, confessou a si e a seus familiares que gostaria de ser mulher, e com medo da crescente violência contra transexuais na capital paulista, se mudou para a Europa. Ela que se sentia estrangeira em sua própria anatomia, se lançou num território outro em busca de inventar uma forma possível de ser.

Nesse novo percurso, batizou-se Gisberta, passou pelo processo de hormonoterapia, implantou silicone nos seios e se mudou para Portugal onde conseguiu se enturmar com a *cena gay* local fazendo apresentações em bares e boates noturnas como performer. Gisberta construiu um nome, um corpo, laço social e certa estabilidade enquanto imigrante legal com visto de residência. E mesmo tendo se assenhorado de seu caminho na tentativa de inventar um lugar, a dificuldade em se manter com o salário de artista se impôs e, diante disso, precisou recorrer à prostituição como complemento de renda.

Com o passar dos anos sua situação começou a se deteriorar. Não tardou para que ela começasse a sentir no corpo os efeitos da soroconversão. Doente e impossibilitada de trabalhar como prostituta, precisou entregar sua casa, se tornando imigrante ilegal e perdendo assim seu direito ao tratamento de saúde. Sem ter onde morar, fez de um prédio abandonado seu abrigo, seu *Stonewall Inn*, seu próprio muro de pedras. E foi nesse lar, improvisado com alguns objetos pessoais, que Gisberta começou a receber visitas de alguns meninos que moravam num abrigo de crianças próximo e que por isso frequentavam o lugar para pichar suas paredes. Os meninos viraram confidentes de Gisberta, que contou a eles sobre sua sorologia e também sobre o vício em drogas.

Algum tempo depois, os meninos contaram a outros colegas do abrigo sobre Gisberta que era descrita como *um homem que tinha mamas* (sic) e que *parecia mesmo uma mulher* (sic). As visitas que em determinado momento tinham um caráter solidário, se transformaram



numa sucessão de violências que durou três dias. Cerca de 14 jovens entre 12 e 16 anos se revezavam para espancar, violentar e humilhar a transexual brasileira. Gisberta foi ainda torturada sexualmente com pedaços de madeira e teve partes do corpo queimadas de cigarro. Aparentemente morta, mas na verdade inconsciente, Gisberta foi jogada no fosso do prédio que estava cheio de água.

Morreu afogada e sozinha no fundo do poço do lugar abandonado no qual ela inventou um lar. O crime reverberou na imprensa local de modo enviesado e com a impunidade dos assassinos que, segundo o juiz, fizeram uma *brincadeira de mal gosto* (sic). Essa história só encontrou algum contorno depois da pressão insistente feita por membros da comunidade LGBTQ+, que com muito esforço conseguiu reivindicar, nos anos seguintes, a criação de leis que protegessem e dessem dignidade humana à diversidade de gênero e sexual em Portugal.

Embora Gisberta tenha sustentado ao longo do seu caminho uma possibilidade muito própria de inventar um nome, um corpo, um lar; algo que marcava radicalmente sua diferença enquanto sujeito não conseguiu lugar de inclusão. Sua existência foi abreviada porque denunciava com seu corpo e jeito que queria outra coisa que tangenciava o feminino e recusava o masculino, tornando ela alvo. O crime com requinte de crueldade deixa como rastro no corpo da vítima a tentativa de aniquilação subjetiva, - enunciada como um *homem com mamas* -, e física - violação, deformação e abuso sexual – detalhes que enredam o caminho para a fatídica exclusão: Gisberta não poderia caber.

Embora escrita de forma lúdica, a canção *Balada de Gisberta* conta uma história trágica que expõe camadas: De Gisberto à Gisberta (*Perdi-me do nome/Hoje podes chamar-me de tua*), de artista à prostituta (*Dancei em palácios/Hoje danço na rua*), sublinha um sentimento estrangeiro (*De que serve voltar/Quando se volta pro nada*), e encerra estrofes apontando para um destino dramático (*E o céu não pode esperar/O fim quer me buscar/É o futuro que parte/O amor é tão longe*). A história de Gisberta ilustra a desumanização de sujeitos que, por não caberem na norma, se tornam objeto da cultura.

A diferença causa horror e esse horror é angustiante porque diante dele caem todos os pontos identificatórios nos quais a norma masculina se ancora. Isso expõe o tanto de feminino recalcado nos processos subjetivos de transmissão, mas que retorna em vivências

marginalizadas e em seus legados: inventar outros corpos, fundar novas leis, humanizar subjetividades rechaçadas. O horror à diferença do outro é também o horror a diferença que jaz em cada um como cicatriz da operação da castração e que encontra na divisão do outro a morada do ódio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reivindicação de novos corpos, orientações sexuais diversas e múltiplas identidades de gênero marca uma indeterminação que se configura mais além de um regime de determinações fálicas e predicativas como produto de um modelo universal masculino. O que muitos psicanalistas chamam hoje de queda do falocentrismo tem grandes influências dessas reivindicações sociais que operam mudanças à medida que sinalizam para a subversão dos semblantes de relação sexual representada pelo arranjo tradicional dos gêneros que, submetidos ao registro fálico, outorgavam sentido e complementaridade entre os sexos, distribuídos na matriz heteronormativa binária macho-fêmea, homem-mulher, masculino-feminino.

Nesse viés, o engendramento social é voltado para alguma tentativa de padronização subjetiva e vai de encontro a uma interessante citação de Lacan em *O aturdito* (1972) quando diz “do próprio texto em que se formulam os sintomas das grandes neuroses, das duas que, levando a sério o normal, dizem que ele é mais uma norma masculina” (LACAN, 1972, p. 480). Não é coincidência aqui *normal* e *norma masculina* aparecerem na mesma sentença já que em francês *norme mâle* introduz uma tripla significação: *normal* (normal), *norme mâle* (norma macho) e *norme mal* (norma má). Nas bases da formação social orbita a exigência e a transmissão de uma normalidade, de uma norma masculina, de uma norma má.

Essa estratégia transmitida ao longo dos tempos tenta velar o que há de mais pulsional na pulsão, ou seja, sua indeterminação e vontade de um para além que não se abrevia em objetos regulados pelo imaginário a partir de lugares simbólicos determinados. O que está em jogo aqui e precisa de atenção é esse regime de infinitude que dá lugar a novos modos de gozo que fazem furo no binário e não se restringem às experiências de determinação

implicadas no registro do *todo* fálico. A agressividade diante do horror da castração é também uma agressividade diante do horror ao *feminino*. Cabe aqui pensar numa possível incidência política da psicanálise já que sua ética rompe com classificações binárias, segregações e exclusões. O que se aposta em uma análise é a construção de uma narrativa singular, uma invenção muito própria e nada totalitária, onde a diferença possa encontrar algum lugar.

## REFERÊNCIAS

BETHÂNIA, Maria. **Balada de Gisberta**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2010.

FILHO, M. **A brasileira que virou símbolo LGBT e cujo assassinato levou a novas leis em Portugal**. BBC Brasil, Lisboa, fev. 2016. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218\\_brasileira\\_lgbt\\_portugal\\_mf](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218_brasileira_lgbt_portugal_mf)  
Acesso em: 16 out. 2019.

FREUD, Sigmund. (1913 [1912-13]). **Totem e Tabu**. Em: Obras Completas, vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

\_\_\_\_\_. (1921). **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. Em: Obras Completas, vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. (1921). **Sobre a Psicogênese de um Caso de Homossexualidade Feminina**. Em: Obras Completas, vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. (1923). **O Eu e o Id**. Em: Obras Completas, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. (1930 [1929]). **O Mal-Estar na Civilização**. Em: Obras Completas, vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. (1933). **Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise**. Em: Obras Completas, vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. (2018). **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2018.

LACAN, Jacques. (1960). **O triunfo de religião, precedido de, Discurso aos católicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

LACAN, J. (1972). **O aturdido**. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho. (2013). **As homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013.